



ENTREVISTA COM GILBERTO MENDONÇA TELES (22/10/2008)

Entrevista concedida por ocasião do VIII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória¹, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2008, na Unioeste, campus de Cascavel – PR – Brasil. Entrevistadores: Prof. José Carlos da Costa² e Prof. Nilceu Jacob Deitos³.

JOSÉ CARLOS DA COSTA E NILCEU JACOB DEITOS: Professor Gilberto como o senhor avalia hoje a produção literária do Brasil?

GILBERTO: Eu divido esta pergunta em dois aspectos. A produção literária brasileira atualmente é intensa. Esta intensidade se verifica se comparada com o início do modernismo em 1920 a dificuldade que os poetas tinham para publicarem livros era imensa. Drummond teve que pagar para publicar dois de seus livros, o mesmo aconteceu com Mario de Andrade, Manuel Bandeira. Grandes escritores que na época ainda não eram, pois estava começando, tiveram que pagar. Pelas cartas é possível perceber a dificuldade que Bandeira teve para publicar. Esta dificuldade editorial, se for comparada com hoje, já não existe mais. Mas existe outra situação, uma vez que as editoras são projetos econômicos financeiros. Uma editora não pode publicar obras de um autor que esteja começando porque alguém o recomendou. A não ser que veja nele algo genial e que possa render. Uma grande editora tem a necessidade de sentir que vale a pena investir naquilo. Então os poetas novos reclamam muito e pessoas, como o meu caso, que já vivi mais, e que já possuo certo contato com as editoras, a gente tem alguma facilidade. Mas os novos não têm.

Mas veja outro lado: Eu acho que o aparecimento, divulgação e a vulgarização do computador estão ajudando muito os novos poetas a publicarem seus livros. Programas como o *Pager Maker*, com o nome de *Wind Designer*, que é uma versão mais nova, com este programa a pessoa pode muito bem fazer seu próprio livro e há muitas pequenas editoras que fazem os livros e cobram os livros dos poetas. A pessoa pede um número de livros e paga, ao contrário das grandes editoras, que você envia os manuscritos, eles publicam, lhe pagam os direitos autorais, ou não, mas de modo geral têm pago 10 por cento.

1 O Professor Dr. Gilberto Mendonça Teles participou da Mesa-redonda: *Literatura Comparada na América Latina*.

2 Professor José Carlos da Costa, UNIOESTE, costajcc@hotmail.com

3 Professor Nilceu Jacob Deitos, UNIOESTE, ndeitos@unioeste.br

José Carlos da Costa

Nilceu Jacob Deitos



Atualmente sou ligado a uma editora do Rio de Janeiro que está em fase de crescimento, e chama-se Galo Branco e a direção da editora criou uma coleção que estou dirigindo. Trata-se de uma coleção de ensaios literários. Já contém, aproximadamente, uns 15 livros na coleção. Consiste em eu arranjar algum livro, achar que o mesmo mereça ser editado e dar um parecer, e recebo por isso. Essas editoras fazem o seguinte: o escritor tem um livro para publicar, por exemplo, de um ensaio. Então o escritor pode pagar e publicar do jeito que quiser, mas se quiser entrar na coleção, eu tenho que ver o livro para ver se a obra é coerente com a proposta da coleção, o livro não a rebaixa, há um sentido de valor que ainda não está dominando. A pessoa paga o livro e a editora faz, por exemplo, 500 livros e o autor compra a metade, 250. Esse é um tipo que está proliferando nas grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, onde são inúmeras as pequenas editoras. Eu sei disso porque diariamente entra um livro na minha casa. Como fiz crítica por muito tempo e vou publicando livros de críticas, os autores novos e velhos mandam para mim. O grande problema para mim é acompanhar isso, porque ao receber um livro eu já tenho uma pilha de livros para serem lidos em cima da mesa. Então é o seguinte, ou eu leio porque eu conheço o autor, ou eu leio porque é um amigo que me manda. Atualmente não estou escrevendo para jornal, embora tenham me convidado para manter uma coluna, inicialmente era o Estado de São Paulo, mas não daria conta em fazer semanalmente, agora tem um jornal que me pediu para manter uma coluna quinzenalmente, talvez eu faça, que é uma maneira boa de manter a atividade literária. Mas eu sai fora do assunto. Acho que há uma produção literária de nível cada vez melhor. Eu acredito nisso. Mas no meio deste nível cada vez melhor, imagine uma faixa em que de 100 livros publicados, uns 30 são realmente bons livros, os outros são livros que estão em experimentação. São autores novos que ainda não têm a visão da cultura literária e acham que basta escrever. Motivados por inúmeras razões, ou porque está com dor de cotovelo, ou porque tem uma namorada e fazem um poema. Isto é, eles chamam de poema, mas às vezes esse poema não tem poesia. Ai está a função do crítico. Eu acho que, se no passado o que se publicava era sempre o melhor, era porque as editoras filtravam. Hoje está se publicando muito, mas esse muito é bom porque se publica um livro hoje ruim, amanhã, a própria pessoa que quer ir adiante melhora o seu outro livro...

JCC e NIL: E quanto à recepção da literatura, é possível perceber uma recepção mais exigente por

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



parte do público leitor?

GILBERTO: A primeira pergunta foi sobre a produção e agora é quanto à recepção. A questão é: Por que produzir? Se produz alguém tem que ler. Um grande problema que está no meio disso, na tentativa de responder a sua pergunta, é que entre a produção e a recepção há um organismo no meio que se chama: distribuição. Se você publica por uma boa editora. Particularmente tenho a ventura de ser editado pela Vozes. Tenho um livro que foi publicado por essa editora, e é uma edição muito boa. Editoras deste porte têm a capacidade de distribuir o meu livro, seja no Amazonas, no Pará, em qualquer cidade que vou, eu sei que lá tem meu livro. Agora, há pequenas editoras, essas a que me referia antes, como por exemplo, a Galo Branco, ela tem uma coleção que se chama 50 poemas escolhidos pelo autor e tem uma coleção que não está ainda comigo, eles não têm uma grande distribuição. Ela distribui em algumas livrarias do Rio de Janeiro, porque essa distribuição depende do gênero que se publica. De modo geral na Europa e no Brasil a publicação de ficção, de contos, romances e novelas tem sempre leitor. As editoras investem nisso. É fácil no Brasil hoje publicar ficção. O que eu chamo de ficção são as narrativas. Agora poesias é mais difícil. Eu, com vários livros traduzidos, em francês, espanhol, inglês, romeno, búlgaro, eu tenho uma tradução feita para o alemão, por um grande tradutor do Guimarães Rosa, que é Klasma, que traduziu o *Grande Sertão Veredas*. Ele me conheceu, pegou um dos meus livros e traduziu para o alemão. E eu não consigo editor na Alemanha. As cartas, e-mails, os contatos enviados são respondidos de forma negativa, afirmando que não estando editando poesias neste momento, vamos deixar para mais tarde. Alguns seguram os livros, informando que no momento oportuno será publicado, mas não têm nada de efetivo.

Para mim, no Brasil e também na Europa, a publicação depende do gênero. Podemos colocar três gêneros: a ficção que é o romance, conto e novela; a poesia, sendo qualquer tipo de poesia; e o terceiro que é a crítica. Deixo o teatro de lado que poderia entrar no primeiro gênero. São três gêneros. A crítica é mais fácil de publicar do que a poesia. Não tenho aqui comigo nenhum livro de crítica. Mas a Loyola publicou juntamente com a PUC um livro meu chamado *Contra Margem*. Foi editado em São Paulo e está sendo distribuído.

E agora chega aquela questão que você perguntou: E o consumo? Se o livro é bem distribuído, ele tem mais facilidade de consumo, porque o leitor pode descobri-lo, pode entrar em contato com ele.

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



Se é um livro de uma pequena editora, raramente ele chega a nós leitores. Ele chega através da, ou pela Universidade, a qual manda ler, os professores exigem a leitura. Mas, de modo geral, a Universidade exige a leitura dos canônicos, aqueles que são consagrados, por exemplo, Machado, Drummond, Bandeira, ou seja, é ler os grandes nomes. Os novos têm muita dificuldade para entrar. Mas eu vendo isso, vi também que Bandeira, Drummond e Mário tiveram muitas dificuldades para chegarem ao ensino. Uma carta de Bandeira reclama não ter sido lido ainda na década de 30 e 40, a universidade praticamente ainda não existia, eram pouquíssimas.

Ao considerar esses três aspectos, contemplo a pergunta final: Há um consumo? Sim, eu acho que há um consumo de poesia, um consumo de ficção, um consumo de crítica. O poeta novo que está querendo ir adiante, ele quer conhecer o que é que os outros estão fazendo. Então esse consumo se dá. É verdade que ele não compra, às vezes o acesso ao livro se dá na troca. O novo publica manda para ele, depois manda para um outro. Essa troca é muito comum. E no meio disso se vende também, quando o livro está para ser vendido, quando se encontra na livraria um livro de poesia para ser vendido. De ficção se encontra sempre. Mas eu acredito que nós lemos muito mais do que se lia no passado, graças a inúmeros fatores. Lembro que na década de 80 saiu uma estatística pelo Instituto Nacional do Livro, que existia naquela época, informando o número de livrarias no Brasil. O país tinha menos de quinhentas livrarias quando Buenos Aires tinha mil e quinhentas, Paris tinha duas mil e quinhentas livrarias. Agora ainda nestas 500 livrarias, muitas eram apenas papelarias que não vendiam exclusivamente livros. Mas o Brasil cresceu muito. Não adianta dizer que não está crescendo. Eu não conheço nenhuma pesquisa que tenha focado bem esse aspecto, mas se falar que no passado, segundo alguns saudosistas, e as pessoas mais velhas, dizem que naquela época se lia mais, eu creio que não. Eu creio que hoje se lê muito mais. Hoje as universidades proliferaram.

JCC e NIL: Nas suas atividades de pesquisas o senhor trabalhou bastante com documentos originais. Na parte da manhã o senhor falou da dificuldade em se ter acesso aos documentos de manifestos, das próprias cartas que são difíceis de serem localizadas. Isso ainda continua do mesmo modo? Mesmo com o advento da informática continua-se tendo dificuldade de acesso a eles? Não há uma transformação desses documentos em material eletrônico. Como está sendo a guarda de nossos documentos?

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



GILBERTO: Você está comentando sobre um assunto o qual eu sinto o que está havendo, só que não sei responder muito direitinho. O que eu sinto é o seguinte: Talvez seja o meu lado velho. O Mário de Andrade tem no livro *Paulicéia Desvairada*, ele tem uma carta que é o Mário Novo escrevendo para ele mesmo Velho. Ele se sentia velho, mas também sentia que tinha que ser novo, precisava mudar. Eu sinto um pouco isso. Se eu estou orientando uma tese de doutorado e o aluno vem com uma pesquisa feita pela *Internet* eu não gosto. Eu digo que ele tem que procurar nas bibliotecas, porque nas bibliotecas ele vai ver o livro na sua originalidade. Ao passar para o computador, eu ainda não fiz essa investigação, mas eu não sei se passa tudo, ou se passa a metade, de que maneira é feito o *scaneamento*. Eu ainda acredito na biblioteca. E acredito que a biblioteca está alimentando a *Internet*. É muito bonito a gente acessar um site, por exemplo, da Estante Virtual. Eu fiz essa experiência, eu digitei o meu nome e vi que havia livros meus em todos os lugares do Brasil. E isso é uma coisa que precisa ser feita. Acho que a *Internet* vai ajudar muito, mas por enquanto eu não tenho muita confiança nela, não no sentido em dar a informação, mas no sentido da autenticidade da informação. O que eu falei de manhã foi o seguinte, para passar na nossa frente, editar primeiro o livro, o professor da USP, um argentino que trabalha por lá, ele pegou, por exemplo, o manifesto do crioulismo na Venezuela. Ele pegou o manifesto que alguém republicou e nós pegamos o original. E se fez a primeira edição. Quando fomos confrontar os textos, notamos alguns erros, notamos que não era aquilo que foi publicado, em alguns manifestos que nós vimos, ele está vendendo “gato por lebre”. E era, sobretudo, em relação ao comunismo. O manifesto não falava de política de esquerda, e nem nada. E quando publicou a segunda vez, alguém acrescentou, nós vimos isso. Talvez, não saberia muito bem responder isso, mas eu tenho certeza que a *Internet* é uma fonte imensa de consulta, mas por enquanto nós ainda devemos valorizar o livro. Neste sentido, se você é meu aluno de mestrado a fazer um trabalho, não custa nada você ir buscar a obra de Machado de Assis na biblioteca, e você mesmo ver o livro de Machado de Assis. E não pegar as coisas já arrumadinhas para vender e tal. Estou sendo reacionário. Eu sei.

JCC: Eu tenho uma pesquisa sobre a carta de Pero Vaz de Caminha, e não sei qual a edição a utilizar hoje. Eu tenho encontrado na *Internet*, e tenho pelo menos uns nove textos diferentes, com fragmentos e palavras diferentes.

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



GILBERTO: Você deve ter alguma que tenha *fac-símile*.

JCC: Tenho. Tenho uma que tem fac-símile que é da biblioteca de uma universidade de Portugal. A dificuldade de se ter acesso aos originais está levando a prática de digitalização como sendo a salvação aos pesquisadores. Quem tem está colocando a disposição...

JCC e NIL: Certos documentos professor, desculpe interromper, mas certos documentos a gente tem que acreditar que ajudam Agora, se os documentos estão fáceis, estão na biblioteca, por que eu tenho que ir consultar na *Internet*? Como é o caso de Machado de Assis. Você deu exemplo de um texto cujo original encontra-se na biblioteca nacional de Lisboa, ou na Biblioteca do Rio de Janeiro, que acredito que também tenha. Agora uma edição fac-similada é excelente, você tem o texto como foi escrito, com sua autenticidade, e você tem a leitura, que é a tradução para o português moderno.

GILBERTO: Agora nos casos modernos eu acho que o melhor é consultar os livros ainda.

JCC e NIL: Falando um pouco no seu trabalho de 50 anos de literatura. Como surgiu a idéia deste livro *A Plumagem dos Nomes*?

GILBERTO: Este livro é um livro muito bonito realmente, surgiu da seguinte forma... olha eu ai pescando no pantanal... a moça que organizou foi minha orientanda de doutorado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E ela hoje é diretora do antigo museu de Literatura da Casa de Ruy Barbosa. Tudo que é arquivo vai parar na mão dela. Ela falou o seguinte: “Não quero saber essa coisa de comemorar os 70 anos”, porque eu ao comemorar os 70 anos fiquei professor emérito da PUC, a Universidade Federal de Goiás também me deu o título de professor emérito, mas eu já estava ligado à PUC. E ela disse: “O melhor é fazer uma homenagem a você da publicação do seu primeiro livro, que foi em 1955. E como ela trabalha nesse sentido que você perguntou de filologia, ela foi juntando depoimentos. Eu dei para ela a relação dos meus amigos e pessoas que me conheciam, pessoas que estudam minha poesia, já tenho cerca de 15 dissertações de mestrado sobre minha poesia, e uns quatro doutorados já publicados também. Então, eu passei essa lista e ela entrou em contato. E, no fim, nós fomos organizando. Mas como organizar um livro? Nós fomos juntando

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



poemas que me são dedicados. Daí eu falei: 50 só, já que são cinquenta anos, vamos pegar 50 poemas, começa com Drummond, em 1970, embora houvessem poemas anteriores. Eu tenho tudo guardadinho. Eu sou uma pessoa preocupada em guardar as coisas. Eu guardo de tudo. A pessoa me manda um cartãozinho, eu guardo esse cartão. E tenho visto que é importante. Ai vieram os poemas traduzidos. Eu tenho poemas traduzidos para o espanhol, para o francês, que são livros, italiano, que é um livro bilíngüe, romeno, são só os poemas, catalão também são os poemas, búlgaro é um livro bilíngüe, alemão é uma tradução que não saiu ainda, e para o inglês e chinês estão para sair. E agora para o ano que vem vai sair um livro dessa antologia em japonês: 50 poemas escolhidos pelo autor. A editora é a Galo Branco. Depois gostaria que desse seu endereço, para lhe enviar o livro.

Então, veja bem, poemas traduzidos. Depois vêm os depoimentos de pessoas que convivem comigo. Alguns já morreram, mas são pessoas que convivem comigo na universidade, como por exemplo, Zina Beloti, é um excelente nome, ela é de Araraquara. Esse Gladimir Chiziski é do Canadá, professor que me conheceu um dia. Depois resenhas de jornais e revistas. É uma coletânea que foi selecionada para entrar aqui. Depois as teses e dissertações, eu juntamente com a professora, só publicamos aquilo que não foi publicado ainda. Depois as entrevistas, selecionei dez entrevistas. E depois as cartas. Selecionaram-se 80 cartas. Muita gente importante escreveu. O livro nasceu assim. Eu pedi ao prefeito atual de Goiana, o senhor Íris Resende Machado, um homem político importante, que foi meu aluno, um dia mandou me chamar. Mandou passagem para mim no Rio, para eu ir lá que ele queria falar comigo. Fui, sentei no gabinete dele, estávamos só nós dois. Então ele disse: O que eu posso fazer para você? Eu disse: fazer como? Perguntou se eu não queria ir trabalhar com ele. Você fica como um auxiliar cultural meu, você não precisa nem vir aqui, fica numa sala separada lá mesmo no Rio, e atende quando precisar. Eu disse: Você pode fazer uma coisa para mim. Publica um livro, que já está organizando e está saindo. O senhor poderia mandar a prefeitura publicar. Ele disse: Então manda. Abriu um crédito de 40 mil reais e fez mil exemplares do livro. É um livro caro, capa dura, eu trouxe alguns exemplares para a biblioteca desta instituição.

JCC e NIL: Ai está um pouco a recepção crítica de sua obra?

GILBERTO: Aqui está bastante da recepção crítica. Mas existe muita coisa. Há uma professora que hoje é de Ouro Preto, Dulce Mindon, ela escreveu um livro e fez uma antologia dos artigos em jornal

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



sobre minha poesia. É muita coisa. Embora muita coisa vá ficar no arquivo, porque a gente não consegue publicar tudo.

JCC e NIL: Aqui está também um capítulo que tem um conjunto de cartas. Ai tem as memórias também?

GILBERTO: São cartas dos meus amigos, são escritas para mim. Essas cartas para publicar nós tivemos que pedir autorização a cada escritor, ou a família de cada escritor. Por exemplo, cartas de Drummond, eu tenho 8 cartas recebidas de Drummond. Telefonamos para pedir autorização. Porque a carta que eu recebo, digamos, recebo uma carta de você. Eu sou o que guarda a carta, mas o dono do conteúdo da carta é você. O *copyright* da carta continua sendo de quem escreveu. É a lei brasileira que diz isso. No final da obra tem algumas fotografias, tem um número de uma revista dedicada a mim. Agora na Espanha saiu outra revista dedicada a mim. De uma universidade espanhola. É uma revista que tem como título: Poesia para todos. Esse número foi-me dedicado. Olhe as cartas. Você pega uma carta de Buenos Aires, Raul Castatina, é um grande teórico que já morreu. Ele recebe um livro meu e manda: “Apreciado amigo poeta” – amigo, mas nunca conheci, somente por cartas. “li e é do meu interesse, a obra ‘A arte de amar’ [...] gostei da sua criação de uma poesia formalista e estruturalista”, e aí ele vai falando do livro, elogia o livro. Outra carta é de Carlos Musonho, da Espanha, “Meu estimado poeta, ao fim tenho tido tempo para ler a obra ‘a arte de amar’”. As cartas são de uma época em que eu estava mandando o livro “Arte de Amar”. Aqui por exemplo, Campo Grande, Manoel de Barros, “Meu caro poeta, recebi com bastante atraso, três meses, o *Raiç da Fala*, trazido por aluna sua de Curitiba. - Eu dei um curso aqui (no Paraná) e a moça trabalhava sobre ele (*Raiç da Fala*), e eu mandei o livro. “Só agora o poeta, até não entendo como eu, um rato de livraria, deixei fugir a *Sintaxe Invisível*, e essa *Raiç*, pelo menos esses dois cujos títulos me iniciaram. Agora vou de “arrupei”. – observe a linguagem de sua obra – dos últimos para os primeiros. Não faz mal, é um caminho trilhado pelo ensaísta. Venho da “espolegação” para e especulação da palavra. Sábia poesia por pegar nela, subir nela e não por ou elas. Bem que eu desconfiava lendo sua estilística. – é um livro sobre Drummond - que você era também um encantador de palavras. Antes melhor. Muito obrigado pelos poemas, pelas palavras com que você executa a solidão humana.

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



É aqui um outro que ele brinca comigo. Pega a *Raiç da Fala* e escreve: “A província é a raiz do silêncio. O silêncio é a raiz da fala. A fala é a raiz da palavra. A palavra é a raiz da língua. A língua é a raiz da linguagem, a linguagem é a raiz do poema”... Essas cartas mostram a função crítica por meio da própria carta.

NIL: Quando o professor José Carlos comentou, e o senhor fez menção à cerca da questão documental. Da seriedade no tratamento dos documentos para a produção literária. Isso me chama a atenção, a exemplo da História, como tem sido dado o tratamento aos documentos, que é a base da produção historiográfica. O seminário em que o senhor participa tem a característica de trabalhar a Literatura e a História e, conseqüentemente, a Memória. O tratamento do documento na perspectiva historiográfica, parece-me que isso está aproximando muito o tratamento literário em relação ao documento. Por outro lado também, a beleza literária, a inspiração literária vem influenciando muito a produção historiográfica. Parece-me uma aproximação muito pertinente.

GILBERTO: É uma excelente pergunta. Eu acho que tem que ver com essa coisa que você falou. Você juntou duas coisas. A ciência, a história diz para mim documento. Essa carta, por exemplo, é a carta da princesa Isabel. Esse documento é um documento de sentido científico. O historiador vai encontrá-lo, não pode mudar o texto dele, não pode modificá-lo e tem que interpretá-lo. Só que a interpretação dele ela é mais rasa. É diferente do texto literário. Se ao invés do documento eu tivesse uma carta. Uma carta não, porque a carta entra um pouco nessa questão, se eu tivesse uma obra literária. A obra é muito mais profunda, porque a obra tem várias possibilidades de interpretação, gerações inteiras podem interpretar essa obra de diferentes maneiras, é por isso que a obra não se esgota, ao passo que o documento histórico não tem muita conotação, ele é denotação. Ele é visto no sentido científico. Você não pode mudar a carta. Você tem que interpretar o que está lá dentro. Agora a interpretação vai depender mesmo na história literária, mesmo na história geral, mesmo na ciência, vai depender da imaginação do intérprete. Porque há uma imaginação científica também. Tanto que o indivíduo pode pegar a carta de Pero Vaz de Caminha ou o documento, que usei como exemplo, da princesa Isabel, e pode dizer: Isso aqui foi produto de uma época em que se chegou a isso. Então, por esse documento a pessoa relê o contexto também. Não sei se vocês viram a pouco uma minissérie da Rede Globo, sobre Chiquinha Gonzaga, ali está um bom exemplo do que estou

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



falando, a lei Áurea, as dificuldades, a própria Chiquinha abraça a princesa Isabel, ela mesma não acreditava na lei áurea. Ela queria que a lei fizesse mais do que aquilo. Há uma história que determina ideologicamente a coisa. Vem outra geração de historiadores e veem outras coisas ali dentro e podem mudar. Mesmo o documento científico pode ser interpretado de forma diferente, mas um documento literário ele é por natureza conotativo, e essa conotação vai depender de quem estiver lendo. Se vem um leitor preguiçoso, se vem um leitor culto, se vem um leitor com capacidade e inteligência de pesquisar. Cada um vê mais coisas.

NIL: Está certo isso que estou falando, você está concordando com isso?

GILBERTO: Claro, claro, esse caráter conotativo define a natureza da linguagem literária.

Goethe afirmou que a história, de tempos em tempos precisa ser reescrita, por duas razões. Primeiro porque novos documentos históricos são encontrados. Segundo porque há uma imaginação da produção historiográfica, que permite esta reescrita.

Mas o que eu quis timbrar é que o mesmo documento histórico, ele não modifica, como também um livro não se modifica. O que há é a leitura dele. No lado da história há uma leitura ideológica. Se o Brasil fosse um país comunista, eles leriam esta *Carta Áurea* de outra maneira. A literatura é um poço para ser lido do jeito que quiser. Não adianta o autor dar um depoimento e dizer que escreveu isso e quero que seja assim. O outro pode não acreditar nele.

JCC e NIL: Professor, se pudesse falar um pouquinho de uma questão pessoal. Você foi atingido pelo AI-5. Como isso repercutiu na sua obra de poesia, ou como isso ficou? Eu trabalho com literatura e memória, e me preocupo muito com as repercussões da vida pessoal na obra. Como eu sei dessa questão do AI-5, gostaria que o senhor falasse, como foi essa experiência da ditadura política diretamente sobre o seu trabalho, sobre você, como pessoa... Como isso repercute na sua obra poética, ou ela não repercute, e ficou de lado?

GILBERTO: Repercute bem. Só que ela está de certa maneira que para ler tem que cavar. A primeira leitura não, mas tem que buscar numa segunda leitura e encontram-se os elementos. Só que não estou lembrando aqui e agora de poemas assim. Estou passando os olhos no livro para ver se acho algum poema em que eu vejo sinais disso. Vejamos esse aqui: *Contra Corrente*, é um poema sem

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



poesia. É um poema nervoso, eu era funcionário da Universidade Federal, tinha que receber meus vencimentos no Banco do Brasil, numa época em que o Banco do Brasil tratava muito mal os funcionários. Era época ainda dos militares. Por isso, o nome *Contra Corrente*. Eu era obrigado a ter conta corrente. “Todo o fim do mês eu assassino um caixa do Banco do Brasil. Assassino nada. Dou-lhe um tiro de sal e de pimenta no traseiro, que é para ele não criar problema e mostrar logo os fundos aos seus clientes obrigatórios do fim do mês”. Se você olhar isso na data em que o livro apareceu, você vai ver que eu estou mexendo com a situação da época, que é o Banco do Brasil. Mas deixa-me ver outra aqui. (...). Há um livro meu, caro professor, que é um livro que se chama *Chassiologia Goiana*, um livro de Goiás. É sobre Goiás e está em sua sexta edição. Ele caiu nos vestibulares várias vezes lá. Este livro está cheio de coisas minhas ligadas a estas questões. Documentando isso que você perguntou. (...) *Aldeia Global*, sou eu falando dos índios, falando dos índios de Goiás. São inúmeros índios que estão desaparecendo, e eu vou criticar aqui essa questão. Eu estou, no livro, convocando todos os índios, assim como Gonçalves Dias no livro *I Juca Pirama*, eu começo convocando todos os índios que já morreram, as tribos que já desapareceram. No fim eu digo: “Mas o índio Guaiá, que deu o nome a Goiás, parecido fera, olha o rio lá de sua tapera, e cheio de doença, de fome e de mugre, não vê diferença no comum do bugre. Dança Aruanã, bebe muito e dorme, e sonha amanhã com o sol enorme queimando cachaça como os anhangueras, e então acha graça, sem saber de veras porque os índios goianos, os índios brasileiros só conhecem danos, sendo os verdadeiros donos desses rios, desses campos e ervas, donos dos desvios de suas reservas. Donos da linguagem do fundo da boca. Donos da folhagem, da raiz. Da pouca certeza doida, de quem sabe, a priori, que até sua vida vai virar folclore”. Ao terminar o livro, você verá que eu estou a favor dos índios.

Eu assinalo esse poema. É um poema visual, *Etnologia*. Um professor lá de São José do Rio Preto que estudou esse poema. “*Etnologia* – Um espaço em branco, em branco, em branco, em branco e que há ainda índios”. Mostrando a consciência que nós temos índios ainda. Deixa eu te mostrar outro, (...) esse poema, falando de Goiana que está a duzentos quilômetros de Brasília. Da época da revolução. Primeiro vieram os bandeirantes, e tal e tal. Depois, mais tarde, chegaram as famílias distintas e fizeram a distinção de quem tem mais gado e etc. Depois chegaram os revoltosos e viraram a tradição das revoltas. Mas a mais útil revolta havia sido a revolta das mulheres pedindo a criação da

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



faculdade de Direito. Os homens saíam para estudar e quando voltavam, voltavam casados. Então as mulheres de Goiás fizeram uma revolução. A mais trágica foi a revolta dos camponeses nas margens flácidas do Araguaia. Em vez das margens plácidas do hino, estou falando das margens flácidas, porque eu conheço o Araguaia, pesco muito e aquela margem próxima da floresta e o sol, a margem é úmida quase sempre. O hotel JK, que é na ilha do Bananal, foi por causa da sigla ou do signo, se transformou de repente em Hotel John Kennedy durante a revolução. O hotel havia sido fundado pelo JK, Juscelino, por isso todos os pratos, todos os móveis tinham a sigla JK. Com os militares, eles não podiam jogá-los fora, então eles trocaram para hotel John Kennedy. E agora, a mais cômica é a revolta de nossa armada. Goiás está lá no centro do Brasil, a principal praça de lá se chama Almirante Tamandaré. Então: “Mal formada, digna de nossa gente desarmada que prefere navegar pela Praça Tamandaré – a praça é o lugar onde o pessoal fica comendo doces e coisa e tal. E das vivas e rumor dos prefeitos e vereadores. Trocaram o nome da praça, que tinha um nome genuíno da cidade, na época da revolução, por Praça Tamandaré. Aqui também deve ter, em todo lugar tem ruas com nomes assim. Assim, ultimamente, como novo sinal dos tempos inauguraram a tradição revolucionária de (...) mudar nomes de ruas e de segurar nossa pobre cor local. (...) Na medida em que eu leio esse livro, eu vou encontrando marcas que são disso.

Deixa eu ver um poema aqui, é um poema recente, *Infravermelho*. Como professor você vai ver o lado de contestação. “Aqui na floresta duzentas batidas, - parece um verso de Gonçalves Dias, que eu busquei lá no poema – bem aqui no coração do inverno verde que se vai enrubescendo, nas queimadas chega o efeito nocivo da política que se declara em desenvolvimento para mascarar os círculos do inferno em que se afunda o povo brasileiro desrespeitado em todas as instâncias e achatado nos estreitos horizontes do terceiro mundo. Aqui ainda se cultiva a ilusão do grandioso, do super, do hiper, do íssimo, na impunidade em que mata as esperanças, na ênfase balofa dos locutores, para os quais os clubes já não são o Flamengo, Fluminense, Botafogo ou Vasco, mas “mengão”, flusão”, os repórteres só falam isso. O time Vasco está lá na última, e é o “vascão”. Como se o inchaço dos seus nomes enchessem as arquibancada vazia, as prateleiras vazias dos supermercados das inflações. Nesta época todos os dias se remaravam, o poema está sendo um documentário, se remaravam (os produtos). Ai vem a segunda parte. Em silêncio vem a revolução. No látex em que se dá a noite, no fundo dos igarapés, entre bromélias, o sinal da revolta chega às

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



orquídeas. Atinge a majestade da vitória régia. E se alastra pela terra firme do caeté. A terra que tem mata e não água. Realizando na subversão da fotossíntese de uma nova esperança. De repente fauna flora, amotinadas, convocam as seringueiras, as sumaúmas, aliciam o mognon, as castanheiras, a copaíba, seduzem a soia, a batata, a piaçava, as fibras do guachiuna, as jutas, os tucuns. Incitam (...) a jurema, a catuaba, e atraem o peixe-boi, o pirarucu, as cobras, os mosquitos e maribondos, que pelo canto mavioso do uraipurú, ecoando nos furos e nas pororocas, toda a floresta se movimenta no corpo da boiúna e do jurapaí e se junta ao tropel dos índios, dos caboclos e dos sem-terra que vão tomar de assalto os rumos do planalto”. Você acha que se isso fosse em 1970, eu não seria preso? Seria, tranqüilamente. E aí o poema vai nesse sentido.

Só que eu acho que a poesia não é para denunciar. Você pode denunciar por dentro. A pessoa tem que saber ler. Perguntaram a Jean Paul Sartre, marxista. “O senhor acredita na literatura engajada?” E ele disse: “Desde que seja primeiro literatura”. Para mim, sendo literatura, *ipso facto*, ela já está engajada em alguma coisa.

JCC e NIL: Quando pensa em publicar suas memórias?

GILBERTO: A sua pergunta é excelente. No meu computador, quando eu abro, todos os meus livros estão no computador. Só alguns do passado que eu não digitei ainda. Mas tem um lá que se chama, deixa-me procurar (...). São livros que eu estou publicando. Está aqui: “*Memórias entrevistas*”. Mas chama-se *Memórias Entre Vistas* (...) Estou pegando as entrevistas que eu dei, e esta pode ser uma delas, se eu tiver acesso ao texto depois. Mas o texto refinado. Corta tudo o que eu repeti demais. E daí me dá uma cópia que eu acharia bom. Porque vai sair o livro. (...) E são as memórias entrevistas. E nessas memórias eu tenho muita coisa para contar, de professores, de militares. Por exemplo, do general Lira Tavares. Eu cheguei no Rio, morava no Uruguai, em 1970. Quando eu recebi o AI-5, eu tive que vir para o Rio. E logo o Pen Clube me chamou para ser sócio deles. Eu fui. Um dia, depois de uma conferência, eu vou descendo o elevador, no décimo andar vai descendo, vem o presidente do Pen Clube e o casal Lira Tavares, o presidente do clube e eu. Daí o presidente se vira para ele e diz: “aqui está o Gilberto, recém-chegado e eleito para o Pen Clube”. Daí ele estendeu a mão, eu estendi também, e me falou: “Olha, eu tenho muito prazer em conhecer”. Eu disse: “Mais prazer tenho eu, general, porque graças ao senhor eu vim para o Rio de Janeiro”. “Como?”, perguntou ele.

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



“O senhor foi um dos três que assinaram o AI-5”, falei na cara dele assim. “Que assinaram o AI-5 e que graças a ele eu não precisei voltar para Goiás, e vim para o Rio”. Daí ele me perguntou: “O que você tem que fazer essa semana? Quer jantar comigo?” Fui jantar com ele e quando me candidatei na Academia de Letras, uma das duas vezes que me candidatei, o voto certo foi dele. Então essas histórias merecem ser contadas porque elas têm algo de edificante.

José Carlos da Costa
Nilceu Jacob Deitos



Dados sobre Gilberto Mendonça Teles.

É professor universitário, pesquisador de literatura brasileira e latino-americana, crítico literário, poeta e advogado. Formou-se em Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia da Universidade de Goiás em 1956 e no ano seguinte formou-se bacharel em Direito na mesma universidade.

Publicou seu primeiro livro de poesia, *Alvorada*, em 1955.

Foi professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFGO, entre 1965 e 1969. Defendeu a tese, de doutorado em Letras, Drummond: A Estilística da Repetição, publicada em 1970 (Ed. J. Olympio), na PUC/RS.

De 1970 a 1994 foi professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na PUC, no Rio de Janeiro. Na década de 1980 foi professor visitante de Literatura Brasileira na Universidade de Lisboa e no Centro de Apoio da Madeira, em Portugal, e professor-associado na *Université de Haute Bretagne*, na França.

Recebeu, em 1989, o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Em 1991, foi professor visitante de Literatura Brasileira e Latino-americana da Universidade de Chicago (Estados Unidos) e, entre 1993 e 1994, integrou a equipe dos *Archives de la Litterature Latino-américaine*, em Paris (França).

Atualmente é Professor Pleno Emérito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professor do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Membro de corpo editorial da Coleção Ensaio (Rio de Janeiro) e da Editora Galo Branco e é membro da Academia Brasileira de Filosofia (ocupa a Cadeira nº 44).

Foi homenageado na Bienal do Livro do Rio de Janeiro em 2005 (50 anos da Literatura de Gilberto Mendonça Teles), daí surgiu a obra *A Plumagem dos Nomes*, com 812 páginas de cartas, depoimentos, estudos, ...

É professor catedrático visitante de literatura brasileira nas universidades de Lisboa, Universidade de Rennes, Chicago e Salamanca. Como poeta e crítico literário pertence a várias instituições especializadas, dentre elas, Société de Linguistique Romane, em Paris, [Sociedade de Língua Portuguesa](#), em Lisboa, Asociación de Estudios Lingüísticos, em Montevideu, Academia Goiana de Letras, em Goiânia, Academia de Filologia, no Rio de Janeiro, Academia Carioca de Letras e PEN Clube do Brasil.